

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

13. Efeitos da ciência e das técnicas de reprodução nas famílias

Responsável NEL: Ricardo Aveggio

Participantes: Ruth Hernández, Alba Alfaro, María Olga Herreros, Silvana Di Rienzo

Para investigar a área temática, a equipe propôs-se privilegiar a experiência clínica, condicionando a elaboração teórica da discussão de alguns casos em que as TRA estivessem envolvidas. Ficam, assim, delimitados os alcances das reflexões expressas aqui para um número limitado de casos, possibilitando a riqueza de uma reflexão, quanto as questões clínicas e analíticas.

As funções da transferência na família

É bem sabido que a educação de Lacan viabilizou, relativo ao processo de formação subjetiva, a identificação das **funções de transferência**, enquanto formando parte do cadastro simbólico, separando tais funções das contingências biológicas da reprodução. As funções de transferência foram, em um primeiro momento, restritas a predominância do cadastro simbólico, para logo inserir a realidade do prazer. Desta forma, as funções de transferência não estão isentas das transformações conceituais que acontecem em torno do lugar do pai, a universalização dos nomes do pai e a questão do pai real. O lugar da mãe em relação à mulher e ao prazer feminino. A transformação conceitual da transferência, que vai desde a identificação ao significante até o efeito de prazer, a marca operada por *lalangue* sobre o corpo, criando um acontecimento de prazer resistente e opaco ao sentido do simbólico. O anterior sustenta-se como consequência do vazio real que pressupõe a reprodução sexuada.

Um real que se localiza, tal como o assinalo Jacques-Alain Miller no "Ser e o um" em duas conjunturas: "não há relação sexual" e "há o um".

A causa da reprodução e da sexualidade

As TRA adicionam uma segunda separação. Se a psicanálise separou as funções de transferência da reprodução, as TRA têm separado a causa da reprodução da sexualidade, tornando possível o impossível, não sem acrescentar os suportes discursivos das tecno-ciências, a saber, o discurso universitário e o discurso capitalista, no que o primeiro ocupa-se da produção de mercadorias, baixo a forma dos novos tratamentos normalizados e protocolizados de acordo com regras de um saber objetivado burocraticamente e oferecido no mercado da saúde.

Perguntamos-nos pela existência de uma especificidade das TRA nos assuntos de família e sua relação ao inconsciente. Trata-se de situar ditos efeitos nos sujeitos que recorrem às TRA, como naqueles que em qualidade de filhos são produto das mesmas.

Transformações do laço social: do casal parental à parentalidade

Declinação do nome do pai, ascensão ao zênite do objeto *a*, feminização do mundo e a queda dos ideais são algumas das expressões com as que caracterizamos as transformações do laço social que são correspondentes ao aparecimento das tecno-ciências, possibilitando a separação entre sexualidade e reprodução. Tal separação sustenta-se em uma subversão do que tradicionalmentetemos denominado o casal parental, constituído pela união de um homem e uma mulher que, ao darem à luz um filho, adquiriam a condição de pai e mãe.

A aparição da parentalidade subverte o casal parental a deixar de fundá-la na diferença sexual e estabelece a possibilidade de filiação separada da sexualidade. Este fenômeno articula-se com a universalização do nome do pai, que desde o pragmatismo da função, distribui a operação de nomeação e aderência do real e o simbólico em diversos recursos e não necessariamente na figura do pai. Serge Cottet indica que esta universalização possui uma

pulverização, reduzindo as possibilidades de incidência do nome do pai como pai simbólico e deixando descobertas as implicações do real do pai. Este movimento transforma as funções de coincidência familiar, cujos vetores simbólicos ordenavam, via a identificação, o real do prazer. Eric Laurent acrescenta que hoje “o familiar” já não é só o resultado do laço de amor, prazer e desejo entre um homem e uma mulher que tem como resultado um filho, senão que é o filho quem cria a família, independentemente do laço reprodutivo que este filho mantiver com os pais, dado que eles podem não ser progenitores.

Esta deslocação da formação familiar para fora do campo da diferença sexual, em que pai e mãe são como homem e mulher, desloca as funções de transferência desde o campo da identificação ao tipo ideal de um sexo e do outro, ao campo de prazer, do secreto do prazer. Em palavras de M.H. Brousse:

A estrutura será localizada, então, dependendo prevalentes modos e gozo permanente ou pai (s) parente (s), em vez de em termos de tipos ideais de ambos os sexos.¹

Trata-se, então, de que a estrutura não é mais um desejo guiando combinatório significativo como o ideal, mas define suas implicações para a apreciação secreta, como Miller define, a transmissão de um modo de prazer.

A questão reformula-se, em seguida, sobre como as funções do casal parental são redefinidas no campo de prazer secreto como o que constitui assuntos familiares e suas novas configurações diferentes da tradição.

O real do pai e a função de transferência

S. Cottet sublinha a importância do pai real, ou o verdadeiro pai, seguindo Lacan em suas conferências nas Américas. Ele ressalta que o lugar do conhecimento sobre o prazer do pai, traço vivo, separada da função simbólica pura sendo a análise fundamental, já que a função

¹ Brousse, M.-H., Un neologismo de actualidad: la parentalidad. *Uniones del mismo sexo*. Buenos Aires: Grama, p. 148.

significante depende da existência, ou seja, que é a encarnação dessa função na materialidade parlêtre do corpo para, assim, ser capaz de desempenhar as funções de transferência.

A transferência já não é só uma função simbólica, depende do real *parlêtre*. Nesta perspectiva,plantea-se que a carência do real do pai contribui ao ilimitado do desejo materno, por não ficar o ser feminino articulado para a função do objeto-causa da perversão do pai. Esta referência ao pai real é essencial ao avaliar os efeitos da TRA na reprodução das famílias. Lacan, no *Seminário 4*, comenta sobre uma mulher que realiza inseminações com o esperma de seu marido morto e observa que o verdadeiro pai é, como pai simbólico, um pai morto, e, em seguida, acrescenta que a capacidade de fertilização do pai verdadeiro não deve ser reduzida.

Trata-se, então, de recuperar o pai vivo. Lacan, no “Seminário 22”, coloca como uma versão do pai orientado perversamente. Perversamente orientado é aquele que faz de uma mulher o seu objeto *a*. Isto implica que a função paterna deve ser incorporada por uma posição masculina. Assim, o verdadeiro pai é sua maneira de articular o prazer de uma mulher, que vivem, como E. Laurent verifica,um tipo de contingente, modelo de função. A função paterna não é determinada pela abstração simbólica, mas pela encarnação contingente de quem orienta seu prazer, fazendo de uma mulher seu objeto. É a mesma função que limita o desejo materno, para condicionar a mãe como uma mulher que consente ser tomada como um objeto. O real pai, para atingir uma mulher, cria as condições para o limite feminino, especifica o interesse particularizado da mãe, tornando possível a instituição de um prazer secreto em homens e mulheres, que toma o lugar de verdade do casal parental. O segredo está por seu lado envolvido em tornode mal-entendido; um mal-entendido em que o corpo faz a sua aparição, nascido, como Lacan assinala em 10 de junho de 1980. Um mal-entendido em que ambos os sexos estão ligados e reproduzem, gerando vida, o que ele chama de "trauma do nascimento", que nada mais é do que o nascimento desejado. Esse prazer que faz segredo, enredo mal-entendido, o que chamamos de "nosso destino" transformando acidentes, contingências, em uma necessidade que se organiza em torno da causa, como apontado por Miller em "O último Lacan ".

Portanto, TRA atuam precisamente sobre a possibilidade de interrupção da função do pai real em relação ao corpo, como mulher, mãe. Será perguntar-nos, então, sobre o impacto desta

potencial interrupção e prazer permanecer nele, para pesar o impacto que o contingente erro significativo imprime no corpo para traçar um destino.

Os casos

No começo das discussões, pensou-se que por regra geral, as TRA tornavam possível ultrapassar a impossibilidade de esterilidade, porém rapidamente corroboramos que o que se ultrapassa pode ser da ordem do segredo de prazer e não da impossibilidade real de engravidar.

• Primeiro caso

Um sujeito compareceu a análise por diferentes sintomas, se revelando ao pai destacando o papel da imagem atraente e a juventude e tende a desaparecer a diferença de gerações de ambos. A análise deste sujeito reconstrói seu romance em que ele é concebido por TRA no contexto de um casamento forçado, porque ele queria esconder um segredo sobre a sexualidade de seu pai na sociedade. A mãe consente com uma idolatria incondicional frente seu pai, a que também repetirá com o paciente. A análise permitiu diferenciar-se do seu pai via alterações no corpo, que vão permitir se soltar da predominância da imagem e da reorientação profissional. As TRA funcionam substituindo, pelo imperativo familiar, a impossibilidade, dado o prazer sexual do pai em fazer de uma mulher a causa de seu desejo. O real do pai regressa, via o desejo da família, na identificação imaginária, quase como uma espécie de camaleão ao pai como o que conseguiria o bônus da idolatria do outro materno, sem poder saber algo do seu desejo próprio.

• Segundo caso

Outro sujeito submetido a experiência sistemática de abuso sexual, decide usar a TRA para ter um filho sem ter relações sexuais com um homem, uma vez que essa possibilidade não era viável após sua experiência. O desejo de ter filhos está orientado no sentido de ter uma família, separando assim um estrago da mãe, o que indica que o paciente havia sido concebido pela mãe para ser sozinho. Verificou que o filho é aquele que cria a família. Logo conhece um

homem, forma um casal e engravida, dando forma a outra configuração familiar. Teve um filho sem passar pelo outro sexo, para logo acessar ao outro sexo. A filha concebida via TRA faz funcionar o nome do pai baixo o significativo "família" separando a paciente do estrago materno e dos efeitos do prazer de outro.

• **Terceiro caso**

Em outra situação clínica, uma menina é concebida com TRA por um casal de mulheres cujo estado de casal é um segredo, apresentando-se como primas. A mãe visita um banco de esperma, pretendendo escolher em perspectiva as qualidades intelectuais perfeitas. A mãe renuncia ao trabalho para colmatar-se e colmatar a menina, a quem enche de presentes e torna impossível dizer não, levando a problemas, como as regras da escola. A jogada analítica introduz o paciente e deixa brinquedos no consultório do terapeuta; em seguida, finge ser possível levar os brinquedos sem quaisquer consequências. Um sintoma é articulado, sob uma demanda do terapeuta, uma vez que a mãe não podia levá-la "Eu não posso escolher."

• **Quarto caso**

Uma mãe e sua filha adolescente assistem a consulta por brigas, rivalidades e tensões entre ambas. Para a mãe, a filha é a encarnação de um "monstro". Durante a gravidez, a mãe apresenta um episódio psicótico, com a certeza que a filha estava morta. Será o trabalho em torno do segredo da concepção da filha que vai permitir abrigar a filha de uma forma diferente, podendo ela fazer uso da mãe para construir um rosto feminino ao lado do ideal. A filha adolescente não era filha de uma fertilização in-vitro, mas sim de inseminação artificial com esperma de um doador anônimo, que foi evidenciado por uma característica física. A filha encarnava para a mãe a presença desconhecida do progenitor desconhecido, sob a forma de uma "infidelidade", tornando esse monstro o objeto de seu ódio. Houve um retorno real do progenitor, que nem o segredo da família, tampouco a função do pai simbólico poderiam ser revestidos com uma ficção familiar.

• **Quinto caso**

Em outra situação, um menino concebido através da fertilização in-vitro apresenta medos em relação a entrada de um ladrão no seu quarto. A intromissão de um outro indica o fracasso da

separação simbólica. A mãe revelou que ele foi produto de um só ovo fertilizado e que, desde que obteve o resultado positivo, teve também a fantasia de que o ovo fertilizado poderia não ser dela. É evidente que a mãe não tem mais certeza, desde o TRA permite separar o ovo do corpo. Ele teme que o ladrão vá dar lugar para o enigma da sua filiação e questionar a sexualidade dos pais e seu lugar como terceiro excluído.

• Sexto caso

Um casal vai ao analista para saber como dizer a criança que ela é produto de uma inseminação, com doador masculino desconhecido. O pai sente a necessidade de dizer a verdade ao filho: "Eu não sou o pai da verdade", o que implica uma posição fantasmática não relacionada à inseminação. O desejo de ser pai, para esse homem, tinha a característica de absoluta necessidade. A impossibilidade introduz uma hesitação fantasmagórica e o surgimento de aflição. A verdade deste pai não era a concepção da criança, mas o fantasma de não ser pai "como todos", fazendo presente a castração.

Alguns efeitos das tecno-ciências na reprodução das famílias

Os efeitos das tecno-ciências respondem e se alojam nas transformações do laço social e da estruturação subjetiva, correlatas aos novos modos de prazer que mudam permanentemente ao ritmo do outro, de onde se sustenta o mal-entendido que marca e orienta o prazer do sujeito.

As TRA não têm o lugar, nem o mesmo efeito em todos os casos. Ocupam um lugar e produzem um efeito diferente a partir da perspectiva da singularidade. Também é possível observar algumas generalidades que correspondem ao registro da estrutura e das determinações do campo do outro. Estas são sempre relacionadas com um segredo que torna-se um sintoma, um descanso, um retorno a ele ou os prazeres que oculta os segredos. Um prazer real retorna como um sinal do modo de gozo que está em jogo no casal parental, não achando, como assinala Marie- Hélène Brousse, ao lado da identificação fálica.

No primeiro caso, um retorno do verdadeiro pai, o segredo sobre a sexualidade do pai, em uma modalidade de identificação que bloqueia e inibe a determinação de um destino próprio, deixando ao paciente aderido a um modo de prazer materno.

O segundo caso é uma exceção na série de casos revistos, pois indica uma função e um efeito muito diferente do lugar da TRA. Se verifica o recurso a TRA como uma abertura para o desejo via o ideal, representado no significante "família", que permite a paciente distanciar além da língua materna de seu destino inoportuno e superego. É importante ressaltar que o papel das TRA permite a esta mulher o acesso a outro sem passar pela sexualidade, inscrevendo um corpo real no campo do Outro e criando um novo destino, separado da perversão e prazer materno. No terceiro caso, mostra-se como o uso da TRA possibilita o acesso a uma filha evitando a diferença sexual, visto que é um parceiro homo parental. A Identificação da filha ao falo materno revela um prazer da mãe na operação que a lei não separa. Se esta situação se deve à diferença sexual real ou a dificuldade da mãe para operar a metáfora, é uma questão que permanece aberta para outras instâncias. É interessante como a operação analítica permite a precipitação de um sintoma dirigido a analista, fazendo uma metáfora que visa ao retorno do prazer materno desregulamentado e sublinhando a dificuldade com as regras da menina. No quarto caso verifica-se como uma contingência da TRA não pode ser velada pelo segredo familiar, resultando na rivalidade odiosa entre uma mãe e uma filha. Do lado da mãe, observa-se uma dimensão psicótica e, do lado da filha, da passagem ao ato. Verificamos que a operação analítica permite dialogar com o ódio, possibilitando uma rearticulação entre mãe e filha, com uma aparência do jeito feminino idealizado.

O quinto caso apresenta a angústia maternal, enquadrada em uma fantasia que só é possível pela separação entre a fertilização e corpo materno, possibilitada pela ciência. Dada a possibilidade de inseminação fora do corpo, retorna a angústia na forma do sinistro, como o que está fora do corpo. Assim, os terrores noturnos do filho estão alinhados com a reiteração daquilo que é inacessível no fantasma da mãe. No sexto caso, observa-se uma irrupção de ansiedade do pai como resultado de uma reprodução com esperma de um doador. Ansiedade de castração que está instalado como resultado da relação do homem com o pai ideal, portanto, na verdade é necessário considerar não confessar o verdadeiro pai como uma condição do "direito ao respeito".

As ciências, com sua capacidade de manipular o real, abrem a possibilidade de novas formas de regresso do real no contexto das novas formas de configuração familiar. Mas também, como um caso mostrou, elas se prestam ao uso exclusivo de um sujeito que pode abrir novos caminhos no campo do desejo. É aí que a ciência tenta garantir a ausência do real como o

impossível; o real retorna, como a impossibilidade da relação sexual para o orador ser. Por isso, a cada época serão produzidas formas de impossibilidade de inscrever-se no corpo.

Os casos mostram como a questão da filiação retorna de maneiras diferentes, tanto nos pais como nos filhos, sob a forma de um mal-estar, cujo retorno é o sintoma clássico. Ainda mais como ocorre no encontro com o analista, onde as marcas de modos de prazer podem assumir a forma de um sintoma. Este não é um retorno do recalcado que repete a relação do sujeito com o ideal, mas um retorno da marca de prazer e dos modos do prazer parental impressos e cujo retorno não opera através da castração, a perda de prazer.

O segredo do prazer tem a função de proteger, tornando possível o prazer de cada um desses componentes do casal parental. A diferença do ideal assume a função de empurrar a repressão e articulação metafórica como uma aparência da relação sexual. O segredo do prazer aponta manter o laço, sem ameaçar o gozo que habita em cada parlêtre.

Pode-se dizer que ser orientado analiticamente sobre essas questões, supõe sempre incluir o pragmatismo do sintoma como modo de prazer, para impedir e reintroduzir as leituras ideais e interpretações que fazemos dos efeitos da ciência e outros discursos no inconsciente real e transferencial.

Bibliografia

Andrade, R: El secreto de familia. <http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/secretos-de-familia/>

Bassols, M., Los hijos de la tecnociencia y sus síntoma.

<http://trabalenguas-eolsantafe.blogspot.cl/2015/12/los-hijos-de-la-tecnociencia-y-sus.html>

Bassols, M., Famulus. <http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/famulus/>

Brousse, M.-H., Un neologismo de actualidad: la parentalidad. *Uniones del mismo sexo*. Buenos Aires: Grama.

Coccosz, V., Hacerse una familia. <http://citaenlasdiagonales.blogspot.cl/2016/03/hacerse-su-familia-por-vilma-coccoz.html>

Cottet, S., El padre pulverizado. *Uniones del mismo sexo*. Buenos Aires: Grama.

Neves, M.-H., Los bebes en la serie de los *gadgets*.

<http://virtualia.eol.org.ar/015/default.asp?dossier/baptista.html>

Laurent. É., Responder al niño del mañana. *Los objetos de la pasión*. Buenos Aires: Tres haches.

Laurent, É., El niño como reverso de las familias. *Uniones del mismo sexo*. Buenos Aires: Grama.

Laurent, É., El modelo y la excepción. *Síntoma y nominación*. Buenos Aires: Editorial Diva.

Lacan, J., El malentendido, 1980. (Inédito).

Lacan, J., *El seminario, libro 4. La relación de objeto*. Buenos Aires: Paidós.

Leserre, A., *Una lectura de Nota sobre el niño*. Buenos Aires: Grama.

Miller, J.-A., Observaciones sobre padres y causas. *Introducción al método psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.

Vilchansky, A., Hijos de la ciencia.

<http://virtualia.eol.org.ar/003/default.asp?notas/avilchansky-01.html>

Zlotnik, M., *El padre modelo*. Buenos Aires: Grama.